Revista Espaço Acadêmico - Nº 104 - Janeiro de 2010
ANO IX - ISSN 1519-6186

Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa

Felipe Tavares Paes Lopes* **& Mariana Prioli Cordeiro****

Resumo: Neste trabalho, objetivamos discutir as diferenças e semelhanças dos torcedores organizados brasileiros com outros agrupamentos de torcedores da América do Sul e da Europa. Mais concretamente, com os *hooligans*, *barras bravas* e os *ultràs*. Para tanto, fizemos um levantamento bibliográfico sobre esses agrupamentos em âmbito nacional e internacional. Este levantamento nos indicou que os torcedores organizados brasileiros possuem mais semelhanças com os dois últimos grupos. Entre suas principais diferenças com os *hooligans*, destacamos que os torcedores organizados não primam pelo anonimato e nem pela transgressão deliberada, que eles atuam como mecanismos ativos de pressão perante seus grupos e federações e que estão mais comprometidos com o espetáculo nas arquibancadas.

Palavras-chave: futebol, torcidas organizadas, *hooligans*, *barras bravas*, *ultràs*

Abstract: The goal of this article was to discuss the differences and similarities between the Brazilian *torcedores organizados* and other groups of soccer supporters from South America and Europe, such as the hooligans, *barras bravas* and *ultràs*. To achieve this purpose we realized a bibliographic review of these groups on national and international literature. This review indicated that Brazilian *torcedores organizados,* have more characteristics in common with *barras bravas* and *ultràs*. The main dissimilarities between the Brazilian soccer supporters and the hooligan*s* are that the first ones don't prefer the anonymity or the deliberate violence, they have an active role among their groups and federations and they are more committed with the spectacle on the bleachers.

Key words: football, *torcidas organizadas*, hooligans, *barras bravas*, *ultràs*

Gaviões da Fiel (Torcida Organizada do Corinthians – Fonte: http://www.democraciacorinthiana.com.br/img/gavioes.jpg

La Guardia Imperial (Hinchada do Racing - Argentina) – Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Apresentação

A violência no futebol tem sido objeto de estudos científicos desde a década de 1960. Inicialmente, a produção sobre o assunto foi marcada por uma ampla predominância dos estudos de origem britânica, com destaque para autores como Ian Taylor, Peter Marsh e Eric Dunning. Embora essa predominância já tenha sido atenuada, o Reino Unido continua a ter uma ampla influência nesta área, sobretudo em matéria de financiamento. Influência que, muitas vezes, levou a explicações etnocêntricas, com viés anglo-saxão, desconsiderando as especificidades culturais e históricas desta violência em outros lugares do mundo (GIULIANOTTI, 2002).

É apenas na década de 1980 que se consolida um processo de globalização dos estudos sobre o assunto. Neste

período, surgem publicações em diversas partes do mundo, como Áustria, Bélgica, Holanda, Argentina, Brasil, África etc. Um dos principais efeitos desse processo de globalização foi, certamente, o de mobilizar novas interpretações do assunto, salientando as diferenças culturais existentes entre os grupos torcedores considerados violentos nos âmbitos locais, nacionais e continentais. Diferenças que têm marcado a história da rivalidade violenta e da oposição simbólica própria a cada um deles (GIULIANOTTI, 1999; 2002).

A partir de então, um amplo e complexo processo de produção de categorias sociológicas e psicológicas, que visam tanto descrever quanto classificar e analisar esses grupos de torcedores, tem sido produzido ao redor do mundo. No Brasil, a categoria "torcedores organizados" é utilizada para denominar determinados grupos de torcedores que são habitualmente associados a atos de violência dentro e fora de nossos estádios. Embora existam diversos estudos que analisem os modos específicos de organizar e de participar do espetáculo futebolístico promovido por esses grupos, ainda são escassos aqueles que discutem suas diferenças e semelhanças em relação a outros grupos de torcedores considerados violentos ao redor do mundo. Sendo assim, neste trabalho, optamos por promover, ainda que sem pretensão de exaustividade, tal discussão.

Para tanto, fizemos um levantamento bibliográfico sobre esses diversos grupos de torcedores em âmbito nacional e internacional. Neste levantamento, consultamos 9 bancos de dados[1], utilizando e cruzando descritores e palavras-chave[2] que variaram de acordo com o modo de organização e a terminologia utilizada nos locais.

Uma vez apresentados o objetivo e a metodologia do trabalho, cabe agora apresentarmos sua estrutura: num primeiro momento (1), fizemos uma breve apresentação das origens e características das torcidas organizadas. Num segundo momento (2), discutimos suas semelhanças com alguns grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. Num terceiro e último momento (3), apresentamos suas singularidades em relação a esses grupos.

1. Uma breve história e caracterização das torcidas organizadas

Os torcedores organizados surgiram na década de 1940, num momento em que o futebol já era uma paixão nacional, massificada pelo rádio. Entre os primeiros agrupamentos de torcedores deste gênero temos, no Rio de Janeiro, a Charanga do Flamengo e, em São Paulo, a Torcida Uniformizada do São Paulo, a TUSP. Embora estes

[1] Arquivo particular dos autores; A Scientific Electronic Library Online – Brasil (www.scielo.br); Banco de Teses da CAPES (http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html); Biblioteca Central da Universidade Presbiteriana Mackenzie (http://www.mackenzie.br/bibliotecas); Biblioteca da Universidade de São Paulo (http://dedalus.usp.br); Biblioteca da UNICAMP (http://www.sbu.unicamp.br); Biblioteca Karl A. Boedecker da FGV-SP (http://www.fgvsp.br/biblioteca); Biblioteca Nadir G. Kfouri da PUC-SP (http://biblio.pucsp.br) e Google Acadêmico (http://scholar.google.com.br/schhp?hl=pt-BR).

[2] *Agresión; aggresion;* agressão; *barras bravas;* comportamento agressivo; *football; fútbol;* futebol; *hinchada; hooligans; Hooliganism;* hooliganismo; *massb; masa;* massa; multidão; *multitud; multitude; rivalidad;* rivalidade; *rivalry; soccer;* torcedor; torcidas organizadas; torcidas uniformizadas; *ultràs*; violência; violência*; violence.*

agrupamentos sejam considerados os primeiros "organizados" no Brasil, eles, como nos indicam diversos autores (PIMENTA, 1997; SANTOS, 2004; TOLEDO, 1996), diferem bastante das torcidas organizadas atuais.

Em primeiro lugar, porque não contavam com uma estrutura burocrática e seus vínculos se davam diretamente com o clube de futebol, que muitas vezes financiava suas despesas. Em segundo lugar, porque estavam muito associados a "torcedores símbolos", que contavam com grande prestígio junto à imprensa. Em terceiro lugar, porque a identificação de seus membros era apenas com o "clube do coração", e não com o próprio agrupamento, como ocorre hoje em dia. Em quarto e último lugar, porque praticamente não se envolviam em atos de violência. Pelo contrário, a Charanga do Flamengo, por exemplo, condenava com veemência a violência e evitava o uso de palavrões nas arquibancadas. Em comum com os torcedores organizados atuais, estes agrupamentos de torcedores tinham o hábito de acompanhar o time em qualquer situação e o de planejar antecipadamente o espetáculo nas arquibancadas.

As torcidas organizadas como as conhecemos hoje são um fenômeno relativamente recente, sendo que as primeiras surgiram no final da década de 1960 e início da década de 1970, quando o Brasil ainda vivia sob o peso do regime militar e avançava no desenvolvimento urbano. Foi nesta época que começamos observar a presença de milhares de jovens nas arquibancadas brasileiras com suas vestimentas, modos de atuação e cânticos de guerra próprios. Neste período, como observa Pimenta (1997, p. 66), "[...] as massas passam a ter um comportamento diferenciado nas arquibancadas dos estádios e começam a cobrar dos clubes, dos jogadores e dos dirigentes um melhor desempenho."

Na primeira metade da década de 1990, as torcidas organizadas crescem significativamente. De 1991 a 1995, as principais torcidas organizadas de São Paulo, por exemplo, quadriplicam o seu quadro associativo: a Mancha Alviverde, do Palmeiras, "salta" de 4.000 filiados para 18.000, a Independente, do São Paulo, de 7.000 para 28.000 e a Gaviões da Fiel, do Corinthians, de 12.000 para 46.000. Destes novos filiados, a grande maioria era constituída de jovens entre 12 a 18 anos de idade (PIMENTA, 2000). Na década seguinte, os números de filiados das torcidas organizadas continuaram subindo, e, em alguns casos, praticamente dobraram. Este crescimento estabelece e sustenta um tipo novo de "cultura torcedora", que se assemelha em alguns aspectos com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa.

2. Semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa

As torcidas organizadas são freqüentemente chamadas pelos meios de comunicação de *hooligans* brasileiros. Os *hooligans*, muito presentes no Reino Unido e no norte da Europa, são grupos de torcedores que possuem um engajamento constante e coletivo na violência (GIULIANOTTI, 2002). Violência que geralmente ocorre entre torcedores de times rivais, dentro ou fora dos estádios, e que pode ser tanto simbólica – através de cantos e gestos obscenos, por exemplo – como física – através de invasões de campo, confrontos diretos, bombardeios aéreos com pedaços de concreto, assentos

quebrados, rojões etc. (DUNNING; MURPHY; WILLIAMS, 1993).

Hooligans - Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_n02GYxZQjtk/SbJUIG63GkI/AAAAAAAATQ/teXLzgcqecA/s400/hool.bmp

Embora, como veremos adiante, os torcedores organizados brasileiros se diferenciem em muitos aspectos dos *hooligans* – o que faz com que a denominação dada a eles pelos meios de comunicação seja inadequada – podemos apontar algumas semelhanças entre estes grupos. Assim como os *hooligans*, os torcedores organizados são, em sua maioria, homens jovens oriundos das classes "populares"[3]. Além disto, como os primeiros, possuem um forte sentimento de pertencimento ao grupo. Sentimento que, às vezes, os levam a transgredir as regras legais.

Embora a violência não consista no principal aspecto de agregação dos torcedores organizados (TOLEDO, 1996), esta é uma parte constante do repertório de alguns desses torcedores, ainda que estes sejam uma *parcela minoritária*. Parcela que, em determinados casos, possui ligações estreitas com outras práticas de violência, como a divisão territorial da cidade e com o tráfico de drogas – o que trouxe, principalmente no Rio de Janeiro, uma novidade a partir de 2005: os conflitos entre os torcedores de um mesmo time e até de uma mesma torcida (MURAD, 2007). Do mesmo modo como ocorre no Reino Unido e no norte da Europa, esta parcela promove ações "militarescas", como criar emboscadas para as torcidas adversárias, dispersando-se sorrateiramente para evitar o conflito com a polícia (PIMENTA, 1997).

Por conta destas ações, os torcedores organizados, assim como os *hooligans*, são sistematicamente acusados de serem os principais responsáveis pelo vandalismo e pela violência no futebol. No Brasil, a mídia tem, desde o fim da década de 1980, dado enorme destaque a essas ações, censurando o comportamento dos torcedores organizados. Hoje em dia, estes torcedores são "assunto noticiável" apenas quando são vinculados à violência urbana e à desordem pública; suas outras práticas não costumam aparecer nos noticiários e manchetes dos principais periódicos e telejornais do país (TORO, 2004).

No resto da América do Sul, os agrupamentos de torcedores habitualmente associados à violência são conhecidos como *barras bravas*[4]; enquanto que no sul da Europa são conhecidos como *ultràs*. Estes agrupamentos – assim como os torcedores organizados e diferentemente dos *hooligans*, que são menos comprometidos com o "espetáculo" nas arquibancadas – costumam transformar as partidas de futebol (com suas

[3] Embora aqui tenhamos de destacar que, como observa Giulianotti (2002), existe uma série de estudos indicando uma mudança no perfil dos *hooligans*. Há uma participação cada vez maior das classes "média" e "alta" nesses grupos de torcedores.

[4] Aqui, cabe observar que, devido à carga valorativa que o termo *barras bravas* muitas vezes carrega, alguns autores, sobretudo os argentinos, preferem se referir a esses grupos de torcedores por meio dos nomes nativos com que se identificam, tais como *hinchadas*, *pibes* ou *bandas*.

imensas faixas, bandeiras, adereços, instrumentos musicais e coreografias de todos os tipos) numa experiência audiovisual extremamente estimulante. São eles os grandes responsáveis pelos shows pirotécnicos nos estádios.

Outro ponto comum entre torcedores organizados, *barras bravas* e *ultràs* é que eles estabelecem e sustentam certa "masculinidade agressiva", que freqüentemente os leva a discriminar os homossexuais. No Brasil, a torcida Flagay, por exemplo, foi alvo de preconceito e discriminação por algumas torcidas organizadas do Flamengo e acabou sendo extinta pelos próprios flamenguistas após sua fundação (MONTEIRO, 2003). Já na Argentina, uma forma privilegiada de demonstrar virilidade e capacidade de suportar a dor, de *tener aguante*, na linguagem local, é através de combates corpo a corpo, onde as armas de fogo são "proibidas" e os corpos dos combatentes são a única ferramenta de luta (ZUCAL, 2006)

Outro ponto comum entre esses três agrupamentos é que eles constituem um mecanismo ativo de pressão perante seus clubes e federações, assumindo um espaço cada vez maior no estádio e na sociedade (PIMENTA, 1997). No Brasil, as greves, piquetes e boicotes das torcidas organizadas cariocas no início dos anos oitenta a fim de, entre outras reivindicações, exigir a diminuição do preço das entradas é emblemática. Também é emblemática a história da torcida Gaviões da Fiel, que, em 1969, surgiu "[...] com o objetivo de fiscalizar e apontar todos os erros praticados pelos dirigentes do S. C. Corinthians Paulista, auto-intitulando-se assim os representantes da nação corintiana junto à Instituição-Clube" (PIMENTA, 1997, p. 67).

Esses agrupamentos possuem, portanto, uma relação com o clube apoiado que muitas vezes é de conflito. Entretanto, esta relação parece ser diferente em cada região. Enquanto os *ultràs* não criam uma relação formal com o clube, embora esta possa surgir – dirigentes podem contribuir para as despesas de fabricação de grandes bandeiras, por exemplo –, os *barras bravas*, por conta da estrutura do futebol sul-americano, parecem ter uma relação diferenciada. Os clubes de futebol argentino, por exemplo, são organizados como associações de membros particulares, em que os diretores são eleitos pelos membros das torcidas, o que faz com que, os membros da diretoria, freqüentemente busquem o apoio dos *barras bravas*. Busca que, às vezes, termina em crimes, como ocorreu na década de 1990, quando membros da torcida La 12, do Boca Juniors, foram condenados por "associação ilícita" e extorsão aos dirigentes do clube (GIULIANOTTI, 2002). As diferenças entre esses dois agrupamentos de torcedores, bem como a dos *hooligans*, em relação aos torcedores organizados constituem justamente o objeto da próxima parte.

3. Singularidades dos torcedores organizados

Uma das principais diferenças entre os torcedores organizados em relação aos *barras bravas* e aos *ultràs* diz respeito às manifestações de racismo e xenofobia, muito mais freqüentes nos dois últimos. Enquanto, por exemplo, na Argentina, mesmo em jogos entre clubes nacionais, a referência aos paraguaios, bolivianos e brasileiros, como forma de insulto, é comum (FREITAS, 2007); no Brasil, tirando alguns casos excepcionais, a rivalidade entre os torcedores organizados raramente leva a demonstrações

explícitas de racismo e xenofobia. A torcida Camisa 12, do Corinthians, por exemplo, costuma levar, no "dia da consciência negra", um enorme "bandeirão" com dizeres contra o racismo.

Outra diferença substancial entre os torcedores organizados e os *barras bravas* diz respeito ao posicionamento de cada um acerca da violência dentro e fora dos estádios. Enquanto o site oficial das torcidas organizadas brasileiras (www.organizadasbrasil.com) defende abertamente a paz nos estádios; o dos *barras bravas* da Argentina (www.barras-bravas.com.ar) conta com uma seção dedicada exclusivamente a narrar as últimas brigas entre *hinchadas* (torcidas) rivais.

A apologia à violência, assim como a xenofobia e o racismo, também são marcas características dos *hooligans*. Diferentemente destes, os torcedores organizados não primam nem pela transgressão deliberada nem pelo anonimato, ainda que algumas de suas ações tomem este caminho. Pelo contrário, ao se institucionalizarem, buscam um lugar dentro do futebol profissional e da sociedade. Assim, as torcidas organizadas objetivam ser conhecidas e reconhecidas como instituições representativas e legítimas de seus clubes (TOLEDO, 1996). Para tanto, dialogam e negociam com outras instituições e grupos – como a polícia e a imprensa - bem como participam de eventos oficiais, como o carnaval[5].

Além desta, outras diferenças afastam esses dois agrupamentos de torcedores. Em primeiro lugar, as torcidas organizadas formam entidades jurídicas. Elas possuem estatutos que determinam uma série de regras burocráticas a serem respeitadas. Assim, têm uma diretoria, um conselho deliberativo e eleições periódicas para presidente (TOLEDO, 1996). Já os *hooligans*, embora possuam uma forte estrutura hierárquica entre seus membros, constituem organizações bem mais informais.

Em segundo lugar, as torcidas organizadas não apenas possuem um vínculo mais estreito com outros setores da sociedade, como também possuem vínculos com outros grupos de torcedores. Embora a rede de informação entre os *hooligans* tenha aumentado significativamente com o advento e popularização da internet e dos telefones celulares, criando-se novas conexões de *hooligans* de diferentes regiões do norte da Europa, como Alemanha e Holanda (GIULIANOTTI, 2002); esses vínculos parecem não ir além de alianças estratégicas na luta contra seus adversários. Já os vínculos entre os torcedores organizados visam principalmente à troca de apoio e infra-estrutura. Assim, quando uma torcida organizada viaja para assistir a seu clube em outra cidade ou Estado, ela é freqüentemente recebida por alguma torcida organizada local considerada "irmã". As torcidas do Palmeiras e do Vasco nos fornecem aqui um exemplo histórico. Na final do Campeonato Brasileiro de 1997 entre os dois clubes, a despeito da rivalidade e da importância do evento, ambas as torcidas entraram juntas e abraçadas tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Além disto, quando o jogo foi em São Paulo, os palmeirenses compraram ingressos para os vascaínos e, quando foi no Rio, os vascaínos compraram para os palmeirenses (MONTEIRO, 2003).

[5] Principalmente as torcidas organizadas dos clubes de São Paulo.

Em terceiro lugar, os torcedores organizados contam geralmente com uma sede. É lá, e não em bares ou *pubs* (lócus habitual de encontro dos *hooligans*), onde se confraternizam e "jogam conversa fora". Nas sedes, promovem festas, churrascos e reuniões. É lá, também, de onde partem as "caravanas" em dias de jogos. Em alguns casos específicos, como o da Gaviões da Fiel e o da Mancha Alviverde, que participam do desfile de escolas de samba da cidade de São Paulo, as sedes também servem de abrigo para seus carros alegóricos e para os ensaios dos desfiles.

Em quarto lugar, os torcedores organizados, em geral, não possuem um envolvimento político com partidos de extrema direita e/ou com projetos ideológicos nacionalistas[6], bem como com uma concepção mais ostensiva de negação das instituições sociais (TOLEDO, 1996). Enquanto alguns *hooligans* têm ligações estreitas com partidos fascistas, como o *National Front*, as torcidas organizadas raramente se manifestam abertamente a favor de causas racistas ou chauvinistas. A participação política dessas torcidas costuma a se limitar à esfera de seus próprios clubes e à realização de práticas beneficentes. Apenas eventualmente há adesões a campanhas de determinados políticos ou a movimentos mais abrangentes, como as Diretas Já! ou o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor (TOLEDO, 1996). Aqui, a Gaviões da Fiel nos fornece outro exemplo histórico. Em 1979, ela foi a primeira entidade a desfraldar em grande público uma faixa pela anistia no Brasil. Isto se deu num jogo entre Corinthians e Santos, quando mais de 110 mil pessoas lotaram o Morumbi (KFOURI, 1983).

Em quinto e último lugar, os torcedores organizados utilizam vestimentas – bonés, camisetas, jaquetas etc. – que os relacionam a suas torcidas, enquanto que os *hooligans* atualmente não utilizam vestimentas que os relacionam a seus clubes, bem como não fazem uso de bandeiras, instrumentos musicais e outros artefatos. A fim de evitar o controle da polícia, no início da década de 1980, eles substituíram o velho visual agressivo, semelhante ao dos *skinheads* (cabelos raspados, botas Doctor Marten, múltiplos cachecóis etc.) por um estilo mais "descolado" (camisas Lacoste, moletons Fila, suéteres Armani, sapatos Rockport etc.) (GIULIANOTTI, 2002). Diante disto, podemos dizer que as cores e os símbolos do clube e do próprio grupo não constituem elementos tão fortes na marca do reconhecimento e diferenciação entre eles como constituem para os torcedores organizados.

Considerações finais

Ao apresentar e analisar algumas singularidades e semelhanças das torcidas organizadas com os *hooligans*, os *barras bravas* e os *ultràs*, objetivamos aqui levar a cabo uma discussão mais aprofundada acerca das características sócio-culturais desses agrupamentos de torcedores sul-americanos e europeus que são habitualmente considerados violentos. Com isso, visamos, não apenas suprir, em certa medida, uma lacuna na literatura científica, mas principalmente desmitificar a idéia simplista, muito difundida pelos meios de comunicação, de que estes torcedores são todos iguais. A crença de que os torcedores organizados não passam de "*hooligans*

[6] Embora bastante raros, existem registros desse envolvimento. Por exemplo, recentemente, a polícia gaúcha descobriu a presença de alguns grupos neonazistas infiltrados em algumas torcidas do Grêmio.

brasileiros" certamente mais atrapalha do que ajuda na compreensão de sua identidade social e de sua forma de organização e atuação, bem como na compreensão daquilo que tanto desperta a preocupação da imprensa e de nossas autoridades, seus vínculos com a violência.

Referências

BARRAS BRAVAS. **El lugar justo para los inaptos de siempre**. Disponível em: <www.barras-bravas.com.ar>. Acesso em 22.04.2009.

DUNNING, E.; MURPHY, P.; WILLIAMS, J. Spector Violence at Football Matches: Towards a Sociological Explanations. In: ELIAS, N; DUNNING, E. **Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process.** Cambridge: Blackwell, 1993, p. 245-266.

FREITAS, M. A. Futebol e construção da subjetividade masculina: leituras da psicologia social. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte,** vol.1. n.1, p. 01-19, 2007.

GIULIANOTTI, R. Social identity and public order: political and academic discourses on football violence. In: GIULIANOTTI, R.; BONNEY, N.; HEPWORTH, M. (Orgs.). **Football, violence and social identity**. New York: Routledge, 1999, p. 10-35.

_____. **Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

KFOURI, J. **A emoção Corinthians**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MONTEIRO, R. A. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MURAD, M. **A violência ao futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

ORGANIZADAS BRASIL. **O portal das torcidas organizadas**. Disponível em: <www.organizadasbrasil.com>. Acesso em 22.04. 2009.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e Auto-afirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais.** Taubaté: Vogal, 1997.

_____. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva,** vol. 2, n. 2, p.122-128, 2000.

SANTOS, T. C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TORO, C. A. **O espectador como espetáculo: noticias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004).** 2004. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ZUCAL, J. G. "Soy Macho porque me la aguanto." Etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculinas. In: ALABARCAS P. et al. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 39-58.

* **FELIPE TAVARES PAES LOPES** é doutorando em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
** **MARIANA PRIOLI CORDEIRO** é doutoranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).